

Estereótipos sexuais aplicados às nadadoras

Sex stereotypes applied in female swimmers

Adriana Giavoni¹

Resumo

[1] Giavoni, A. Estereótipos sexuais aplicados às nadadoras. Rev. Bras. Ciên. e Mov. 10 (2): 27-32, 2002.

O propósito deste artigo foi avaliar se as características do desporto (natação) e o biotipo do atleta proporcionam a aplicação de estereótipos sexuais. Foram avaliados dois grupos que diferiam quanto ao envolvimento com a natação. Esses dois grupos avaliaram nadadoras federadas de Brasília. Foram realizados testes “t” para amostras independentes entre os escores das escalas masculina, feminina e neutra do Inventário de Papéis Sexuais de Bem (BSRI) e as variáveis “sexo” e “envolvimento com a natação”. Os resultados demonstram que as mulheres sem envolvimento com o desporto perceberam as nadadoras como menos femininas do que as mulheres envolvidas com o desporto. Provavelmente, as características do desporto, somadas ao biotipo das atletas, contribuem para a aplicação de estereótipos sexuais.

PALAVRAS-CHAVE: estereótipos sexuais, masculinidade, feminilidade, natação.

Abstract

[2] Giavoni, A. Sex stereotypes applied in female swimmers. Rev. Bras. Ciên. e Mov. 10 (2): 27-32, 2002.

The goal of this article was evaluated if the characteristics of sport swimming and the athlete's biotype promote sex stereotypes applications. Two groups with different sport's involvement were analyzed. These two groups evaluated Brasilia federated female swimmers. Independent sample t-tests were performed between masculine, feminine and neutral scales of the Bem Sex-Role Inventory (BSRI) with “sex” and “sport's involvement” variables. The results showed that women without sport's involvement think the swimmers are less feminine than women with sport's involvement. Probably the sport's characteristics plus athlete's biotype contribute to the application of sex stereotypes.

KEYWORDS: sex stereotypes, masculinity, femininity, swimming.

1 Doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília.

2 Endereço para correspondência: SHIS QL 18 Conjunto 06
Casa 15 - Lago Sul, Brasília, DF, Brasil. CEP: 71.650-065. E-mail: adriana@pos.ucb.br

Os conceitos de masculinidade e feminilidade são construtos sociais utilizados em psicologia desde o início do século. Na década de 30, começaram a surgir os primeiros instrumentos psicométricos que visavam a avaliar esses conceitos. Esses instrumentos psicométricos, entretanto, partiam de uma concepção unidimensional da masculinidade e da feminilidade (13; 28). Nesta concepção unidimensional, os conceitos de masculinidade e de feminilidade formavam pólos opostos de um único *continuum*. A nível psicométrico, esta concepção bipolar proporcionava ao indivíduo um único escore final, cuja classificação seria masculino ou feminino.

Na década de 70, Bem (6) conceptualiza a masculinidade e a feminilidade como estruturas independentes e, portanto, bidimensionais. A concepção bidimensional desses conceitos proporcionou o surgimento de uma nova área de estudo em gênero - a androginia psicológica. Definida como o desenvolvimento simultâneo e equilibrado de características masculinas e femininas por uma mesma pessoa, o conceito de androginia produziu uma série de estudos em psicologia do gênero. Ao nível psicométrico, a concepção bidimensional de masculinidade e feminilidade proporcionou ao indivíduo dois escores - escore de masculinidade e escore de feminilidade. A partir destes dois escores, os indivíduos são classificados em grupos tipológicos, denominados, segundo o Modelo Aditivo (29) de: Masculino, Feminino, Andrógino e Indiferenciado.

Ao introduzir o conceito de androginia, Bem (5) define os indivíduos andróginos como portadores de um amplo espectro de padrões comportamentais. Essa flexibilidade comportamental, decorrente do desenvolvimento de características masculinas e femininas, permitiria ao indivíduo ajustar-se às diferentes situações sociais. Os estudos confirmam que os grupos andrógino e indiferenciado não apresentam diferenças significativas quanto ao engajamento em atividades apropriadas e inapropriadas ao sexo, enquanto os grupos masculino e feminino procuram se engajar em atividades apropriadas ao seu sexo e a evitar aquelas consideradas inapropriadas (4; 5; 7; 8). Segundo os autores, essa rigidez comportamental dos indivíduos típicos (masculinos e femininos), impediria o pleno ajustamento desses indivíduos às diferentes situações sociais.

Relacionando ajustamento mental com grupos tipológicos, os estudos demonstram que os grupos masculino e andrógino apresentam maior ajustamento, quando comparados aos grupos feminino e indiferenciado (4; 5; 18; 29; 32). Em relação ao sexo, homens masculinos e andróginos apresentam maior ajustamento mental do que homens femininos e indiferenciados. Para o sexo feminino, os grupos andrógino e masculino apresentam maior ajustamento mental do que os grupos feminino e indiferenciado (25; 32).

Além de forte preditora de ajustamento mental, os estudos demonstram que a masculinidade encontra-se positivamente correlacionada à auto-estima (4; 12; 21; 29); saúde mental (15; 25); criatividade (14); dominância (17); busca de sensações (*sensation seeking*) (29); competitividade (1); assertividade (20); auxílio e salvamento (26); independência (4; 5; 8; 32) e instrumentalidade (10; 19).

A feminilidade, por sua vez, encontra-se diretamente correlacionada à maternidade (8); constituição familiar (12); expressão emocional (4; 17); ansiedade e depressão (1; 9; 23; 26); satisfação conjugal (2; 3); atitude liberal frente aos papéis sexuais (4); submissão (32) e, apenas para o sexo feminino, a feminilidade encontra-se positivamente correlacionada à auto-estima (4; 12).

Aplicados ao desporto, observa-se que as características instrumentais da masculinidade (assertividade, competitividade, objetividade, agressividade etc.) encontram-se presentes em mulheres atletas. Estudos com mulheres esgrimistas (30) demonstram que as atletas mostraram-se mais reservadas, autônomas, agressivas, inteligentes e criativas do que mulheres não-atletas. De modo similar, as tenistas (31) apresentaram-se menos depressivas, tensas, confusas e cansadas do que as mulheres não-atletas. Peterson, Weber e Tousdale (24), avaliando o autoconceito de atletas femininas de desportos individuais e coletivos, demonstraram que as mulheres praticantes de desportos individuais são mais dominantes, agressivas, aventureiras, auto-suficientes e mais introvertidas do que aquelas que praticam desporto coletivo.

Observa-se, portanto, que os conceitos de masculinidade e feminilidade encontram-se inseridos tanto na característica do desporto quanto na personalidade dos atletas. Além disso, estes conceitos influenciam a prática desportiva, principalmente quando as características do desporto, assim como o biotipo resultante de sua prática contradiz as regras culturais relacionadas a estes conceitos.

Desportos com predomínio de características instrumentais (força, agressividade, violência etc.), quando praticados por mulheres e desportos com predomínio de características expressivas (leveza, suavidade, delicadeza etc.), quando praticados por homens, desencadeiam a aplicação de estereótipos sexuais. Isto porque as características do desporto versus sexo do praticante contrariam a deseabilidade social que se coaduna com as construções sociais de masculinidade e feminilidade.

O termo estereótipo surgiu como uma forma de definir o preconceito e/ou para definir expressões preconcebidas a respeito da forma como se percebe e interpreta os fatos que ocorrem no mundo externo. Estas pré-definições, entretanto, precederiam o uso da razão. Posteriormente, o termo passou a ser considerado como sendo generalizações indevidas de características a grupos de indivíduos, baseadas em processos motivacionais em oposição aos processos cognitivos.

Atualmente, os estudos sobre estereótipos passaram a avaliá-los de uma forma probabilística. Estereótipo, portanto, passou a ser avaliado como a probabilidade de se encontrar determinada característica em um grupo, em comparação à probabilidade de se encontrar a mesma característica nas demais pessoas da população.

Apoiado sobre o conceito de estereótipo, este estudo exploratório vem analisar se o biotipo das nadadoras influencia a percepção de indivíduos que diferem quanto ao envolvimento com a natação. Dois grupos de indivíduos foram selecionados. O grupo 1 - formado por homens e mulheres que apresentavam envolvimento com o despor-

to, no caso, os pais das nadadoras; e o grupo 2 - formado por homens e mulheres que não possuíam qualquer relacionamento com a natação. A partir de um instrumento psicométrico, estes dois grupos expressaram o conceito que possuíam das nadadoras.

A escolha das nadadoras deve-se ao fato de que, devido aos treinamentos intensos a que estão submetidas, o biotipo resultante da prática desportiva suscitaria a distorção da percepção de um dos grupos avaliados (grupo 2), propiciando a aplicação de estereótipos sexuais. Até bem pouco tempo, o biotipo da mulher atleta caminhava em sentido contrário daquele definido pela feminilidade, sendo muitas vezes utilizadas expressões como “mulher masculinizada”, “mulher musculosa” e “porte masculino”, para definir mulheres com corpo delineado pela prática desportiva.

O presente estudo visa, portanto, a explorar e avaliar se o biotipo das nadadoras desencadeia a aplicação de estereótipos sexuais por parte de dois grupos distintos, que diferem quanto ao envolvimento com o desporto. Postula-se que o grupo com baixo envolvimento com a natação (grupo 2) venha a aplicar estereótipos sexuais sobre essas atletas.

Método

Amostra

A amostra foi constituída por 135 sujeitos, sendo 63,7% do sexo feminino, residentes em Brasília (DF), de nível sócio-econômico médio alto e alto.

Os sujeitos foram classificados em dois grupos que diferiam quanto ao envolvimento com a natação. O grupo 1, (n = 84) formado por homens (n = 33; M = 41,12 anos; DP = 4,58 anos) e mulheres (n = 51; M = 35,18 anos; DP = 4,11 anos) envolvidos com o desporto, foi constituído por pais de nadadoras federadas do Distrito Federal. O grupo 2 (n = 51), também formado por homens (n = 16; M = 48,31 anos; DP = 4,29 anos) e mulheres (n = 35; M = 37,18 anos; DP = 3,78 anos) foi constituído por indivíduos que não possuíam qualquer envolvimento com a natação.

Os indivíduos selecionados para compor o grupo 1 correspondem à quase totalidade de pais de nadadoras federadas do Distrito Federal, no período de 1993 a 1994. O contato com esses indivíduos foi realizado por intermédio da Federação Aquática de Brasília (FABRA). A FABRA é uma organização que atua juntamente com a Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos (CBDA), na realização de competições na região do Distrito Federal. Essas competições visam a promover os nadadores regionais para competições de caráter nacional e internacional.

Instrumento

O instrumento utilizado para avaliar a aplicação de estereótipos sexuais sobre as nadadoras foi o Inventário dos Papéis Sexuais de Bem (BSRI). Desenvolvido por Bem (6) e validado para a cultura brasileira por Oliveira (22), este

instrumento é composto por um total de 60 itens, divididos em três escalas: escala masculina (20 itens. Ex: argumentadora, arrojada, assertiva, atlética, autoconfiante, auto-suficiente, líder etc.), escala feminina (20 itens. Ex: cuidadosa, delicada, dependente, emotiva, dócil, sensível, tolerante, vaidosa etc.) e escala neutra ou escala de desejabilidade social (20 itens. Ex: espontânea, otimista, responsável, invejosa, inconstante, apática etc.).

Os itens que compõem o BSRI foram julgados por homens e mulheres da cultura brasileira, como sendo típicos do sexo masculino (escala masculina); típicos do sexo feminino (escala feminina) e pertinentes aos dois sexos ou neutros (escala neutra). Assim, as escalas masculina e feminina são compostas, respectivamente, por itens pertinentes à masculinidade e à feminilidade; enquanto a escala neutra é composta por itens considerados desejáveis (10 itens) e indesejáveis (10 itens) para ambos os sexos.

Em suas instruções, o BSRI solicitava ao respondente (grupo 1 e grupo 2) que, utilizando uma escala de sete pontos, indicasse o quanto cada item se aplicava ao conceito que este possuía das nadadoras em geral. Baseado na composição do instrumento, o conceito que cada respondente possuía das nadadoras foi convertido em três escores - escore de masculinidade, escore de feminilidade e escore neutro. Os escores de masculinidade e feminilidade foram obtidos através das médias aritméticas efetuadas sobre as escalas masculina e feminina, respectivamente. O escore neutro foi obtido, efetuando-se a inversão dos pontos dos dez itens considerados indesejáveis e, então, calculando-se a média aritmética dos 20 itens que compõem a escala neutra. Apesar de não ser utilizado, para a classificação tipológica, o escore neutro indica a extensão na qual o indivíduo se descreve em direção à desejabilidade social.

Utilizando as medianas das escalas masculina e feminina, como critério de classificação, foram definidos quatro grupos tipológicos, denominados de: masculino, feminino, andrógino e indiferenciado (4). O grupo masculino foi formado por indivíduos cujo escore obtido para a escala masculina era superior à mediana da escala masculina e cujo escore obtido para a escala feminina era inferior à mediana da escala feminina; o grupo feminino foi formado por indivíduos cujo escore obtido para a escala feminina era superior à mediana da escala feminina e cujo escore obtido, para a escala masculina, era inferior à mediana da escala masculina; o grupo andrógino foi formado por indivíduos com escores nas escalas masculina e feminina superiores às medianas das escalas masculina e feminina, e o grupo indiferenciado foi formado por indivíduos com escores para as escalas masculina e feminina inferiores às medianas das escalas masculina e feminina.

Procedimento

Para a seleção dos indivíduos que compõem o grupo 1, a Federação Aquática de Brasília (FABRA) forneceu uma relação de todas as nadadoras federadas, bem como seus respectivos clubes.

Através dos técnicos de cada equipe, uma carta foi endereçada aos pais das atletas, informando a respeito do estudo que seria realizado. Os pais que consentiram em

participar do estudo foram, posteriormente, contatados e agendados os horários das entrevistas.

As entrevistas foram realizadas com cada casal, separadamente, no prazo de três semanas. Durante a entrevista, a pesquisadora apresentava o BSRI ao casal e, a seguir, cada qual passava a preenchê-lo individualmente.

Quanto ao grupo 2, as entrevistas foram realizadas individualmente, sendo a total ausência de envolvimento com a natação o único critério exigido desses respondentes. Procurou-se, entretanto, entrevistar indivíduos que perfaziam faixas etárias semelhantes àqueles pertencentes ao grupo 1.

Resultados

As medianas das escalas masculina e feminina do BSRI foram 4,90 e 4,30, respectivamente. Assim, o grupo masculino foi formado por indivíduos que apresentaram escores acima de 4,90 para a escala masculina e abaixo de 4,30 para a escala feminina. O grupo feminino foi formado por indivíduos com escores abaixo de 4,90 para a escala

masculina e acima de 4,30 para a escala feminina. O grupo andrógino foi formado por indivíduos com escores acima de 4,90 e 4,30 para as escalas masculina e feminina, respectivamente, e o grupo indiferenciado foi formado por indivíduos com escores abaixo de 4,90 e 4,30 nas duas escalas.

Relacionando os grupos tipológicos com a variável “sexo”, observou-se que 17,8% da amostra feminina (grupos 1 e 2) classificaram as nadadoras como andróginas, 16,3% as classificaram como femininas, 14,7% as classificaram como masculinas e 14% como indiferenciadas. Já a amostra masculina que compõe ambos os grupos as classificaram como indiferenciadas (14%), andróginas (8,5%), masculinas (8,5%) e femininas (6,2%).

Relacionando os grupos tipológicos com a variável “envolvimento com a natação”, observou-se que 18,6% do grupo 1 as classificaram como femininas, 17,1% as classificaram como andróginas, 14,7% as classificaram como indiferenciadas e 12,4% como masculinas. O grupo 2 definiu as nadadoras como sendo indiferenciadas (13,2%), masculinas (10,9%), andróginas (9,3%) e femininas (3,9%). A tabela 1 apresenta a distribuição de frequências entre os grupos tipológicos, segundo as variáveis “sexo” e “envolvimento com a natação”.

TABELA 1: Distribuição de frequências entre os grupos tipológicos segundo as variáveis “sexo” e “envolvimento com a natação”

Grupos Tipológicos	Sexo masculino	Sexo Feminino	Grupo 1	Grupo 2
Masculino	14,7%	8,5%	12,4%	10,9%
Feminino	16,3%	6,2%	18,6%	3,9%
Andrógino	17,8%	8,5%	17,1%	9,3%
Indiferenciado	14%	14%	14,7%	13,2%

Para avaliar a relação dos escores de masculinidade, feminilidade e neutro com as variáveis “sexo” (masculino e feminino) e “envolvimento com a natação” (grupo 1 e grupo 2) foram realizados testes t (*Independent Sample T Test*).

Utilizando o escore de masculinidade como variável dependente e a variável “sexo” (masculino e feminino) como variável independente, não foram encontradas diferenças significativas entre os sexos, em relação à masculinidade ($t(133) = 0,05$; $p = 0,96$). Também não foram encontradas diferenças significativas ao se utilizar o escore de feminilidade como variável dependente e a variável “sexo” (masculino e feminino) como variável independente, ($t(133) = 1,26$; $p = 0,209$). Em relação ao escore neutro, entretanto, observou-se uma tendência à significância ($t(133) = 1,87$; $p = 0,063$), sendo que o sexo feminino ($M = 5,41$; $DP = 0,62$) definiu as nadadoras como sendo portadoras de um núme-

ro maior de características neutras do que o sexo masculino ($M = 5,20$; $DP = 0,68$).

Utilizando o escore de masculinidade como variável dependente e a variável “envolvimento com a natação” (grupos 1 e 2) como variável independente, não foram encontradas diferenças significativas entre os grupos em relação à masculinidade ($t(126,49) = -0,99$; $p = 0,32$). Também, não foram encontradas diferenças significativas entre os grupos em relação ao escore neutro ($t(133) = -1,72$; $p = 0,09$). Entretanto, foram encontradas diferenças significativas em relação ao escore de feminilidade ($t(133) = 2,09$; $p = 0,04$), sendo que o grupo envolvido com a natação (grupo 1, $M = 4,44$; $DP = 0,79$) definiu as nadadoras como sendo mais femininas do que o grupo sem envolvimento com a natação (grupo 2, $M = 4,13$; $DP = 0,87$).

Para avaliar se as percepções das mulheres com e sem envolvimento com o desporto diferiam significativa-

mente entre si, em relação à feminilidade, foi realizado um teste t para amostras independentes. Os resultados demonstraram que os dois grupos diferem significativamente quanto às suas percepções em relação à feminilidade ($t(84) = 2,055$; $p = 0,05$), sendo que o grupo de mulheres envolvidas com o desporto (mulheres do grupo 1, $M = 4,54$; $DP = 0,75$) definiram as nadadoras como sendo mais femininas do que o grupo sem envolvimento com o desporto (mulheres do grupo 2, $M = 4,17$; $DP = 0,89$).

Discussão

Os resultados não demonstram diferenças significativas quanto à variável sexo na aplicação dos estereótipos sexuais às nadadoras, embora haja uma tendência por parte das mulheres de considerarem as nadadoras como possuidoras de um número maior de características neutras, quando comparadas aos homens da amostra total.

A escala neutra é composta por características consideradas desejáveis e indesejáveis para ambos os sexos e indica a tendência do indivíduo de descrever-se em direção à desejabilidade social. As mulheres da amostra total, portanto, descreveram as nadadoras como portadoras de características neutras, indicando que, na percepção destas mulheres, as nadadoras não caminham em direção à desejabilidade social, no caso a feminilidade. Pode-se considerar que outros fatores interferiram na percepção dessas mulheres, distorcendo a imagem das nadadoras e propiciando a aplicação de estereótipos sexuais.

A confirmação desta distorção perceptiva é assegurada ao se constatar que o grupo sem envolvimento com o desporto (grupo 2) considerou as atletas como sendo menos femininas do que o grupo envolvido com o desporto (grupo 1).

Ao se observar a interação entre as variáveis “sexo” e “envolvimento com a natação”, observa-se que as mulheres sem envolvimento com o desporto consideraram as nadadoras como sendo menos femininas do que as mulheres envolvidas com o desporto. Estes dois grupos, portanto, diferem quanto à percepção da feminilidade das nadadoras.

Considerando a masculinidade como uma dimensão instrumental e a feminilidade como uma dimensão expressiva, parece ser que as mulheres sem envolvimento com o desporto, e exatamente por não apresentarem qualquer envolvimento com a natação e com as nadadoras, venham a percebê-las primeiramente como portadores de características que as distanciam do padrão cultural estabelecido para a feminilidade. O desconhecimento e a falta de envolvimento com o desporto e com as atletas contribuíram para objetivar uma imagem distorcida das nadadoras.

Uma das possíveis explicações para este fato poderia ser atribuída às características instrumentais do desporto. Esta percepção do desporto acabaria por influenciar de forma dominante o critério de avaliação dessas mulheres, levando-as, assim, a uma avaliação inicialmente instrumental das nadadoras. Outro ponto relevante a ser considerado refere-se ao biotipo das mesmas. O distanciamento dos padrões estético-sociais designado à feminilidade contribuiria para a distorção perceptiva dessas mulheres.

Já as mulheres envolvidas com o desporto, no caso as mães das nadadoras, perceberam-nas como femininas, mas, também, possuidoras de características neutras. Possivelmente, a proximidade decorrente da relação parental impeça a objetivação em uma imagem distorcida da natação e das nadadoras. Essas mulheres, portanto, percebem-nas como femininas, embora, atribuam às mesmas características instrumentais decorrentes e necessárias à própria prática desportiva.

Conclusões

Como estudo preliminar e exploratório, este trabalho confirmou que a característica do desporto somada ao biotipo dos atletas pode propiciar a aplicação de estereótipos sexuais, principalmente quando as características do desporto versus sexo dos atletas não se coadunam com os padrões sociais estabelecidos para a masculinidade e a feminilidade. Entretanto, uma replicação deste estudo, utilizando-se uma amostra mais ampla, seria conveniente, podendo-se, inclusive, confirmar as diferenças perceptivas de homens e mulheres quanto às nadadoras.

Isto porque alguns estudos demonstram que o autoconceito de homens e mulheres difere em alguns aspectos, principalmente, aqueles relacionados aos estereótipos sexuais. Franzoi & Shields (1984 (11)) encontraram estruturas fatoriais diferenciadas para a auto-estima corporal de homens e mulheres. Segundo os autores, dois dos três fatores que definem a auto-estima corporal das mulheres estão associados à preocupação com a aparência física e sua relação com a atratividade sexual.

Esta preocupação com a aparência física e com a atratividade sexual, por parte das mulheres, contribuiria para a distorção perceptiva e posterior aplicação de estereótipos sexuais sobre toda e qualquer mulher que se distancie dos padrões estabelecidos culturalmente como femininos.

Outro ponto relevante a ser considerado reside nos conflitos que possam surgir nas nadadoras e nas adolescentes que iniciam a prática da natação como um desporto competitivo. O conflito entre biotipo versus padrões culturais impediriam mulheres atletas e futuras atletas de prosseguirem na carreira desportiva? Este e outros estudos que relacionem as características do desporto com o sexo e o biotipo dos atletas são algumas propostas de estudos futuros.

Bibliografia

1. ALAGNA, S. W. Sex role identity, peer evaluation of competition, and the responses of women and men in a competitive situation. *Journal of Personality and Social Psychology*. 1982, 43, 546-554.
2. ANTILL, J. K. Sex role complementarity versus similarity in married couples. *Journal of Personality and Social Psychology*. 1983, 45, 145-155.
3. AUBÉ, J. & KOESTNER, R. Gender characteristics and relationship adjustment: Another look at similarity -

- complementarity hypotheses. *Journal of Personality*. 1995, 63, 879-904.
4. BEM, S. L. On the utility of alternative procedures for assessing psychological androgyny. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*. 1977, 45, 196-208.
5. BEM, S. L. Sex role adaptability: One consequence of psychological androgyny. *Journal of Personality and Social Psychology*. 1975, 31, 634-643.
6. BEM, S. L. The measurement of psychological androgyny. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*. 1974, 42, 155-162.
7. BEM, S. L. & LENNEY, E. Sex typing and the avoidance of cross-sex behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*. 1976, 33, 48-54.
8. BEM, S. L., MARTYNA, W. & WATSON, C. Sex typing and androgyny: Further explorations of the expressive domain. *Journal of Personality and Social Psychology*. 1976, 34, 1016-1023.
9. BIAGGIO, M. K. & NIELSEN, E. C. Anxiety correlates of sex-role identity. *Journal of Clinical Psychology*. 1976, 32, 619-123.
10. FEATHER, N. T. Masculinity, femininity, psychological androgyny and the structure of values. *Journal of Personality and Social Psychology*. 1984, 47, 604-620.
11. FRANZOI, S. L. & SHIELDS, S. A. The body esteem scale: Multidimensional structure and sex differences in a college population. *Journal of Personality Assessment*. 1984, 48(2), 173-178.
12. FRONZO, J. & BOUDREAU, F. Further research into antecedents and correlates of androgyny. *Psychological Reports*. 1979, 44, 23-29.
13. GOUGH, H. G. Identifying psychological femininity. *Educational and Psychological Measurement*. 1952, 12, 427-439.
14. HARRINGTON, D. M. & ANDERSEN, S. M. Creativity, masculinity, femininity, and three models of psychological androgyny. *Journal of Personality and Social Psychology*. 1981, 41, 744-757.
15. HEILBRUN, A. B. Sex role, instrumental - expressive behavior, and psychopathology in females. *Journal of Abnormal Psychology*. 1968, 73, 131-136.
16. KLEIN, H. M. & WILLERMAN, L. Psychological masculinity and femininity and typical and maximal dominance expression in women. *Journal of Personality and Social Psychology*. 1979, 37, 2059-2070.
17. KRING, A. M. & GORDON, A. H. Sex differences in emotion: Expression, experience, and physiology. *Journal of Personality and Social Psychology*. 1998, 74, 686-703.
18. LORR, M. & MANNING, T. T. Personality correlates of the sex role types. *Journal of Clinical Psychology*. 1978, 34, 884-888.
19. MAJOR, B., CARNEVALE, P. J. D. & DEAUX, K. A different perspective on androgyny: Evaluations of masculine and feminine personality characteristics. *Journal of Personality and Social Psychology*. 1981, 41, 988-1001.
20. NIX, J., LOHR, J. M. & STAUFFACHER, R. Relationship of sex, sex-role orientation and a self-report measure of assertiveness in college students. *Psychological Reports*. 1980, 47, 1239-1244.
21. O'CONNOR, K., MANN, D. W. & BARDWICK, J. M. Androgyny and self-esteem in the upper-middle class: A replication of Spence. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*. 1978, 46, 1168-1169.
22. OLIVEIRA, L. S. *Masculinidade, feminilidade e androginia*. 1983. Rio de Janeiro: Achiamé.
23. OZMAN, K. L. & BASSET, J. S. Psychological androgyny and fear of success. *Psychological Reports*. 1978, 42, 757-758.
24. PETERSON, S. L.; WEBER, J. C. & TOUSDALE, W. E. Personality traits of women in team vs. Women in individual sports. *Research Quarterly*. 1967, 38, 686-690.
25. PHILLIPS, W. M. & PHILLIPS, A. M. Gender, sex-role identity and avoidance-confrontation of existential issues for psychiatric inpatients. *Psychological Reports*. 1980, 46, 967-972.
26. SENNEKER, P. & HENDRICK, C. Androgyny and helping behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*. 1983, 45, 916-925.
27. SPENCE, J. T., HELMREICH, R. & STAPP, J. Ratings of self and peers on sex role attributes and their relation to self-esteem and conceptions of masculinity and femininity. *Journal of Personality and Social Psychology*. 1975, 32, 29-39.
28. STRONG, E. K. Interests of men and woman. *Journal of Social Psychology*. 1936, 7, 49-67.
29. TOBACYK, J. & THOMAS, C. Correlations of masculinity and femininity to sensation seeking. *Psychological Reports*. 1980, 47, 1339-1343.
30. WILLIAMS, J. M. et al. Personality traits of championship-level female fencers. *Research Quarterly*. 1967, 38, 686-690.
31. WUGHALTER, E. H. Mood states of professional female tennis players. *Perceptual and Motor Skills*. 1991, 73, 187-190.
32. YONGE, G. D. The Bem Sex-Role Inventory: Use with caution if at all. *Psychological Reports*. 1978, 43, 1245-1246.